

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS**  
**CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS**  
**DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA**  
**CURSO DE CIÊNCIAS SOCIAIS**

**Isabela Machado Antonio**

**“Não existe feminista cristã”: um olhar sobre a perpetuação do discurso  
patriarcal pelo pastorado feminino pentecostal em ambiente virtual**

**SÃO CARLOS**

**2024**

**ISABELA MACHADO ANTONIO**

**“Não existe feminista cristã”: um olhar sobre a perpetuação do discurso patriarcal pelo pastorado feminino pentecostal em ambiente virtual**

**Trabalho de Conclusão do Curso de Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de São Carlos como requisito para a obtenção do Título de Bacharel em Ciências Sociais**  
**Orientador: Prof. Dr. André Ricardo de Souza**

**São Carlos**

**2024**

## RESUMO

Este trabalho decorreu do objetivo de analisar os discursos proferidos por mulheres pastoras em ambientes virtuais, com destaque para a plataforma YouTube, a fim de compreender a complexa relação entre religião e gênero. A pesquisa se voltou para o pastorado feminino enquanto algo que pode tanto desafiar quanto reforçar a estrutura patriarcal vigente, reproduzindo discursos sexistas em suas pregações. A abordagem qualitativa e a etnografia digital foram utilizadas para a compreensão sociológica do fenômeno. Os resultados revelaram que, apesar da existência crescente de mulheres pastoras, muitas vezes, seus discursos perpetuam estereótipos de gênero e reforçam a estrutura patriarcal. A análise da relação entre religião e feminismo tangencia a necessidade de uma reflexão crítica sobre o papel das mulheres no contexto religioso e seu impacto na sociedade em geral. Este estudo trouxe algumas contribuições ao campo da sociologia da religião, abordando questões complexas. Por meio dessa análise, vislumbra-se a possibilidade de avanços significativos em direção a uma sociedade mais inclusiva e igualitária.

**Palavras-chave:** Religião evangélica, Pastorado feminino, Feminismo, Gênero.

## **ABSTRACT**

This study aimed to analyze the sermons delivered by female pastors in virtual environments, with a particular focus on the YouTube platform, in order to understand the complex relationship between religion and gender. The research explored female pastorship as a phenomenon that can both challenge and reinforce the existing patriarchal structure, often reproducing sexist narratives in their preaching. A qualitative approach and digital ethnography were employed to achieve a sociological understanding of the phenomenon. The findings revealed that, despite the increasing number of female pastors, their sermons frequently perpetuate gender stereotypes and reinforce patriarchal structures. The examination of the intersection between religion and feminism highlights the need for critical reflection on women's roles in religious contexts and their broader societal impact. This study contributes to the field of the sociology of religion by addressing these complex issues, suggesting the potential for significant progress toward a more inclusive and equitable society.

**Keywords:** Evangelical Religion, Female Pastorship, Feminism, Gender.

## SUMÁRIO

### Sumário

<b>1. INTRODUÇÃO</b> .....	<b>8</b>
<b>1.1. Problemática e Justificativa</b> .....	<b>8</b>
<b>1.2. Objetivos buscados</b> .....	<b>9</b>
<b>1.3. Metodologia</b> .....	<b>10</b>
<b>2. CAPÍTULO I: O PENTECOSTALISMO E AS MULHERES, UM RESGATE HISTÓRICO</b> .....	<b>11</b>
<b>2.1. Contexto Histórico do Campo Pentecostal Brasileiro</b> .....	<b>11</b>
<b>2.1.1. CENÁRIO BRASILEIRO</b> .....	<b>11</b>
<b>2.1.2. A IGREJA DO EVANGELHO QUADRANGULAR</b> .....	<b>13</b>
<b>2.2. O Lugar da Mulher</b> .....	<b>16</b>
<b>2.3. A Ascensão do Pastorado Feminino no Campo Pentecostal</b> .....	<b>21</b>
<b>2.3.1. CONTEXTO LATINO-AMERICANO</b> .....	<b>25</b>
<b>2.3.2. AS PASTORAS PROTESTANTES</b> .....	<b>27</b>
<b>3. CAPÍTULO II: O PASTORADO FEMININO COMO VOZ DO PATRIARCADO</b> <b>30</b>	
<b>3.1. Os Padrões Discursivos do Pastorado Feminino</b> .....	<b>30</b>
<b>3.1.1. Provérbios 31 10-31</b> .....	<b>32</b>
<b>3.1.2. Críticas ao Movimento Feminista</b> .....	<b>34</b>
<b>3.1.3. Diabo, o pai do feminismo</b> .....	<b>36</b>
<b>4. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>39</b>
<b>5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	<b>43</b>
<b>5.1. Textos</b> .....	<b>43</b>
<b>5.2. Vídeos</b> .....	<b>45</b>

## 1. INTRODUÇÃO

### 1.1. PROBLEMÁTICA E JUSTIFICATIVA

Para além da sua importância social e cultural, as igrejas evangélicas têm se mostrado um ambiente extremamente fértil para estudos na área das ciências sociais da religião como um todo. As pesquisas contemporâneas, com recorrência, têm explorado minuciosamente as interconexões entre o campo religioso e diversos temas relevantes outrora evitados, muitas vezes por receio do mal-estar que isso poderia causar. Em consequência, as complexas relações de gênero no contexto religioso só começaram a ser observadas, mais detidamente, no espectro da sociologia da religião nas duas últimas décadas. A presente abordagem de pesquisa não se restringe a uma tentativa de compreensão do fenômeno religioso em si, pois busca dar um passo adiante. Procurando analisar de forma mais cuidadosa os impactos do fenômeno em outras áreas da vida social, que extrapolam os limites eclesiais. E é justamente nessa tentativa de estabelecer um diálogo enriquecedor entre religião e gênero que este trabalho se insere.

Nos últimos anos, foi possível observar, através, principalmente, dos meios virtuais, um expressivo aumento no número de mulheres que têm, aos poucos, conquistado espaço e relevância no contexto evangélico, seja atuando em diferentes ministérios ou ocupando posições de liderança em determinadas igrejas, exercendo o papel de pastoras. Esse discreto aumento, por sua vez, vem entrelaçado com outro fenômeno que se manifesta de modo cada vez mais frequente: o uso intenso dos meios virtuais como plataforma de comunicação para a disseminação de conteúdos religiosos. Tal fenômeno foi ainda mais fortalecido durante os anos marcados pela pandemia do coronavírus, em que a adoção de soluções digitais foi exigida para que pudesse haver a realização das práticas religiosas à distância.

Entretanto, a presença crescente dessas mulheres nem sempre representa um desafio significativo à estrutura patriarcal e às dinâmicas de poder que permeiam o contexto religioso. Isso se deve ao fato de que, mesmo quando podemos identificar a presença de mulheres no pastorado como um sinal encorajador na luta pela igualdade e pela emancipação feminina, é essencial sairmos da superficialidade e aprofundarmos nossa análise para compreendermos, de maneira mais abrangente, a persistência de estereótipos de gênero. Com frequência, podemos observar discursos sexistas reforçados e o uso da identificação e da perspectiva

feminina para perpetuar a estrutura patriarcal estabelecida e desacreditar movimentos e grupos libertários e progressistas que visam à transformação social.

Tomando como ponto de partida o relevante e significativo contexto apresentado acima, a presente pesquisa surge com a motivação intrínseca de aprofundar nossa compreensão acerca das tensões imanentes à figura ao pastorado feminino contemporâneo. O objetivo central foi analisar cuidadosamente os discursos proferidos por mulheres pastoras, particularmente aqueles disponíveis em ambientes virtuais, com destaque para a plataforma de vídeo nomeada YouTube. Ao realizar essa análise, se buscou trazer à tona reflexões fundamentais sobre o papel da mulher, não apenas no âmbito religioso, mas na sociedade como um todo. A abordagem da pastora emerge como um exemplo concreto de como as mulheres são capazes de ocupar, às vezes, posições de liderança com influência e, ainda assim, continuar inseridas em uma estrutura que cria barreiras para o alcance da igualdade de gênero, sendo utilizadas como peças-chaves para a perpetuação do patriarcado.

## **1.2. OBJETIVOS BUSCADOS**

O objetivo geral com a presente pesquisa consistiu em realizar um cuidadoso estudo acerca da perpetuação de discursos sexistas sobre mulheres que ocupam a posição de pastoras em igrejas pentecostais, tomando como foco as atuações delas em ambientes virtuais. A intenção foi identificar de que maneira o pastorado feminino pode tanto desafiar quanto reforçar a estrutura patriarcal vigente, uma vez que assume papéis de influência no contexto religioso, ao mesmo tempo em que reproduz narrativas sexistas em suas pregações. Buscamos compreender as complexas tensões existentes entre religião e feminismo, bem como o papel desempenhado pela religião na perpetuação da desigualdade de gênero, explorando as possíveis formas através das quais a teologia feminista (Rohden, 1995; Nason-Clack, 1998) pode ser empregada para questionar e transformar os posicionamentos pastorais.

De forma mais representativa, a pesquisa buscou contemplar os seguintes objetivos específicos: 1. Realização de uma revisão cuidadosa da literatura disponível sobre religião e gênero, com enfoque nas tensões que emergem entre o feminismo e o pentecostalismo; 2. Análise das narrativas e dos discursos utilizados pelas mulheres pastoras em suas pregações virtuais, com o intuito de identificar os estereótipos sexistas que contribuem para a manutenção da desigualdade de gênero no contexto religioso; 3. Exploração das tensões existentes entre religião e feminismo, com a finalidade de identificação de como as mulheres

pastoras expressam essas tensões por meio de sua prática pastoral; 4. Investigação do potencial da teologia feminista como uma ferramenta capaz de questionar e transformar as pregações sexistas realizadas pelas pastoras pentecostais.

### **1.3. METODOLOGIA**

A pesquisa em tela foi realizada exclusivamente em ambiente virtual, ao longo dos meses de abril, maio, junho e julho de 2023, utilizando uma abordagem bibliográfica de natureza básica, cujo objetivo principal foi a geração de conhecimento com base no aporte teórico existente. Optou-se pela abordagem qualitativa, visando alcançar uma compreensão aprofundada do fenômeno estudado, utilizando o ambiente virtual como fonte direta de dados.

Com o intuito de obter uma compreensão mais abrangente da problemática em foco, foi realizada uma etnografia digital, cuja técnica de pesquisa se concentra na observação e análise dos comportamentos e interações dos indivíduos em ambientes digitais. A escolha da abordagem etnográfica se deve ao fato de que ela não parte de um ponto de vista superior, próprio de quem visa condenar, mas, sim, busca compreensão sociológica mediante a imersão da pesquisadora do universo investigado. (BEAUD; WEBER, 2007).

Para realizar a pesquisa foram empregados mecanismos, como levantamento bibliográfico de materiais já publicados, análise da condição de mulheres em posições de destaque em suas respectivas igrejas, bem como pesquisa documental com enfoque nas gravações em vídeo dos discursos e pregações que foram encontradas e disponíveis na plataforma de vídeo denominada YouTube.

O objetivo principal do estudo foi proporcionar uma melhor compreensão da reprodução do discurso machista por parte das mulheres pastoras em ambientes virtuais, bem como investigar como essa reprodução contribui para o reforço da estrutura patriarcal. A escolha da abordagem qualitativa e da etnografia digital foi feita com o propósito de obter uma compreensão mais aprofundada do fenômeno estudado, de modo a permitir que a pesquisadora obtivesse informações detalhadas acerca do comportamento e das interações das mulheres pastoras em ambientes virtuais.

## **2. CAPÍTULO I: O PENTECOSTALISMO E AS MULHERES, UM RESGATE HISTÓRICO**

### **2.1. CONTEXTO HISTÓRICO DO CAMPO PENTECOSTAL BRASILEIRO**

#### **2.1.1. CENÁRIO BRASILEIRO**

Na década de 90, o sociólogo da religião Paul Freston (1993) já argumentava sobre a necessidade de estudos mais profundos sobre as igrejas pentecostais. Era chegado o momento de reconhecê-las como instituições dinâmicas. Segundo ele, tais denominações já não poderiam mais ser compreendidas apenas como entidades estáticas, cujo crescimento ocorreria de forma quantitativa, somente aumentando numericamente, sem se modificar. Pelo contrário, deveriam ser analisadas como “organismos vivos”, em constante adaptação, cujas mudanças causam e decorrem de disputas internas. Isso porque o pentecostalismo nos apresenta grande diversidade, sendo caracterizado por uma variedade de unidades, que se destacam, tanto em volume como em complexidade.

O pentecostalismo parte de um princípio narrado no livro “Atos dos Apóstolos”, da Bíblia, qual seja, a descida do Espírito Santo no dia de Pentecostes, algo que é interpretado pelos fiéis evangélicos como um retorno às origens cristãs. Teria havido no desenvolvimento do cristianismo três momentos históricos: O primeiro sendo o da igreja primitiva, seguido do momento de renovação da visão e, por fim, a atualidade.

No contexto brasileiro, a trajetória do pentecostalismo pode ser entendida considerando-se três fases de estabelecimento das igrejas. A primeira ocorreu em 1910, marcada pela chegada da Congregação Cristã, seguida pela Assembleia de Deus, um ano depois. Dois grupos que detiveram um verdadeiro monopólio no campo pentecostal durante as quatro décadas seguintes, pois, mesmo com a existência de algumas concorrentes, estas tinham presença insignificante no contexto religioso. A Congregação Cristã manteve uma posição mais discreta, enquanto a Assembleia de Deus se espalhou geograficamente de modo mais intenso, ganhando destaque por se tornar a maior igreja protestante do país.

A segunda teve início nos anos 1950, marcada pelo protagonismo paulista e representada por três denominações: a Igreja do Evangelho Quadrangular, fundada nos Estados Unidos em 1951 pela pastora canadense Aimee McPherson; a Igreja Brasil para Cristo (primeira evangélica surgida no país), formada em 1955 e a Igreja Deus é Amor, que se estabeleceu em 1962. Já a terceira e última fase se deu na década de 70, no cenário carioca,

ganhando grande impulso nos anos 1980 e 1990. Esta é marcada pela formação da Igreja Universal do Reino de Deus, em 1977, e a Igreja Internacional da Graça de Deus, estabelecida em 1980, como as duas principais denominações. Como já é esperado da lógica pentecostal, o surgimento de novas expressões de fé contém aspectos inovadores, em termos de inserção social e da ampliação de possibilidade teológicas, litúrgicas, éticas e estéticas (Freston, 1993).

Ao observar as três fases de desenvolvimento do campo pentecostal e as características das igrejas que surgiram nos diferentes períodos, é possível compreender como a chegada de novos grupos proporciona maior liberdade para inovações, trazendo avanços inalcançáveis para denominações mais antigas e já estabelecidas, mesmo que essas não deixem de passar por mudanças e renovações, como foi o caso da Assembleia de Deus, que nos anos 80 já tinha características bem distantes daquelas encontradas em sua forma original, na primeira fase. No entanto, ao compararmos essa mudança interna com o surgimento da Igreja Universal do Reino de Deus, que ocorreu já na terceira fase, é possível perceber as limitações impostas pela história que a primeira sofreu. As inovações trazidas pelas igrejas emergentes possuem impacto no campo religioso, pois ao quebrar paradigmas e crenças que limitam o crescimento das instituições, faz com que o alcance seja cada vez mais abrangente a diferentes grupos de pessoas.

Francisco Rolim (1982) sustentava a ideia de que, com o passar do tempo, os grupos pentecostais mais antigos iam se tornando cada vez mais elitistas, enquanto as novas igrejas se direcionavam às camadas mais desfavorecidas da sociedade. Todavia, Freston discorda veementemente dessa avaliação. Segundo ele, tal segmentação tem como centro o estilo cultural e a liberdade que os novos grupos possuem para se adaptar e alcançar públicos mais amplos, enquanto os antigos ficavam presos a uma cultura estática. As novas igrejas têm possibilidade maior de se ajustarem à sociedade urbana, uma vez que não carregam em sua história tanto tempo de existência e tradição. O que permitia inovações através da mobilização de técnicas propícias à criação de novas relações com a sociedade, chegando a grupos sociais que ainda eram distantes das igrejas já estabelecidas. Exemplo disso pode ser observado durante a terceira onda pentecostal protagonizada pela Igreja Universal do Reino de Deus, liderada pelo bispo Edir Macedo, desde seu início em 1977, e sua concorrente direta, a Igreja Internacional da Graça de Deus, fundada por seu cunhado Romildo Ribeiro Soares, em 1980. Os termos “Internacional” e “Universal” são intencionalmente escolhidos para evidenciar o

posicionamento da igreja e seu interesse em ser abrangente e alcançar diferentes grupos, sem restrições, o que é limitado para denominações mais antigas, haja visto que nenhuma igreja estabelecida vai correr o risco de trocar seu nome, mesmo que seja para atender à lógica vigente do período. O país passou por mudanças, após a segunda onda, com a migração dos trabalhadores do campo para áreas urbanas, a formação da estrutura moderna de comunicação de massa, que já alcançava quase toda a população, o enfraquecimento católico, o crescimento da umbanda e a estagnação econômica. E o pentecostalismo da terceira onda, também chamada de neopentecostalismo (Mariano, 1999) se adaptou muito bem a tais transformações.

A última geração emerge em um contraste direto com sua antecessora. Enquanto as igrejas paulistas eram estabelecidas por migrantes de pele mais clara, melhores condições financeiras e um nível cultural ligeiramente mais elevado; o novo grupo tem seu início em um Rio de Janeiro atravessado pela decadência econômica, pelo populismo político e pela influência da máfia dos jogos de azar. O pentecostalismo atualizado dos anos 1980 encontra seu espaço ao se adaptar facilmente à cultura urbana influenciada pela televisão e pela liberalização dos costumes (Freston, 1993). E essa adaptação possibilita a conexão com pessoas que as antigas igrejas nem sonhavam em alcançar. Estabelece-se assim relações com uma nova sociedade sedenta por sucesso profissional e marcada por grandes aspirações materiais. Essa abordagem inovadora do pentecostalismo abre portas para um crescimento e um alcance social sem precedentes, transcendendo as barreiras que limitavam as denominações tradicionais.

### **2.1.2. A IGREJA DO EVANGELHO QUADRANGULAR**

Como o cenário desta pesquisa é o brasileiro, cabe explorar, como feito no subcapítulo anterior, o contexto histórico das igrejas pentecostais no país. Entretanto, é pertinente discorrer, mesmo que brevemente, sobre o surgimento e a trajetória da Igreja do Evangelho Quadrangular devido à sua particularidade. Isso porque, embora tenha sido fundada no exterior, especificamente no Canadá, foi a única grande denominação cristã iniciada por uma mulher. E como a pesquisa realizada teve foco no pastorado pentecostal feminino, é pertinente conhecermos um pouco mais sobre tal denominação.

A fundadora da Igreja do Evangelho Quadrangular, Aimee Semple McPherson, foi uma canadense nascida em família metodista, que teve seu primeiro contato com o

pentecostalismo aos 17 anos. Tal primeira experiência foi tão impactante em sua vida, que, logo em seguida, ela se casou com o pastor pregador da ocasião, embarcando em uma jornada missionária ao lado dele. Juntos, eles fizeram missões em vários países, e foi após um período na China que seu marido veio a falecer. Aimee chegou a se casar novamente, mas logo decidiu deixar seu segundo esposo para seguir sua carreira como pregadora. Determinada a espalhar a palavra pentecostal, a pastora adquiriu uma tenda de lona e cruzou sozinha os Estados Unidos de carro, realizando sessões de cura divina, atraindo multidões de fiéis aos auditórios onde passava. Sua mensagem e práticas inovadoras para o período conquistaram diversos seguidores, o que possibilitou a ela que se estabelecesse em um local fixo, fixando residência próxima a Hollywood, na Califórnia.

Foi nesse período que Aimee inovou bastante, no contexto religioso da época, ao passar a utilizar os meios de comunicação de massa para propagar suas pregações. Em 1922, ela tinha um programa de rádio através do qual conseguiu alcançar um grande público sem ter que se deslocar para outros lugares, como havia feito até então. Dois anos depois, Aimee adquiriu sua própria emissora, consolidando, assim, sua presença junto às camadas populares. Essa abordagem pioneira permitiu que sua voz fosse difundida de forma ampla e eficaz, alcançando pessoas além das fronteiras físicas dos templos. Desse modo, McPherson se destacou como uma espécie de visionária naquele contexto religioso, ao combinar sua paixão pela pregação com a inovação tecnológica que o período possibilitava, desempenhando um papel significativo na consolidação da Igreja do Evangelho Quadrangular como uma das principais denominações no cenário religioso pentecostal.

Aimee era jovem, bonita e visivelmente distante da imagem tradicional da mulher cristã, que era esperada na sociedade da época. Não é por acaso que a Igreja do Evangelho Quadrangular é uma das instituições religiosas menos repressoras em relação às roupas e à aparência feminina, se comparada às demais denominações pentecostais. Seu perfil jovem e disruptivo e sua presença na mídia radiofônica de Los Angeles fez com que seu público fosse majoritariamente composto por pessoas de classe média-alta, muitos deles migrantes rurais brancos. Por outro lado, havia dificuldade em conseguir alcançar as classes mais humildes, frequentadoras de missões pentecostais menores que ocorriam em diferentes regiões (Freston, 1993).

Como mencionado anteriormente, é uma característica intrínseca às igrejas emergentes a liberdade para inovação e tal aspecto chama atenção no contexto de surgimento da Igreja do Evangelho Quadrangular. A presença proeminente nos meios de comunicação de massa e o posicionamento mais progressista em relação aos códigos de vestimenta desafiaram expectativas e estereótipos da época em que essa denominação surgiu. Tais características atraíram um público diverso, ao promover uma abordagem mais inclusiva, procurando acolher aqueles que estavam buscando uma experiência religiosa distante dos padrões estabelecidos pelas instituições religiosas já consolidadas à época. Ela trazia uma alternativa de expressão pentecostal adaptada à realidade urbana e às aspirações da classe média-baixa. Além do seu caráter menos conservador possibilitar que as mulheres pentecostais encontrassem maior liberdade e espaço para se expressarem no ambiente religioso. Isto contribuiu para uma maior participação feminina, seja como seguidoras da instituição ou como lideranças dentro desta, em função da atividade pastoral.

Colhendo os frutos de ter uma mulher pastora como fundadora da denominação, em 1991, esta apontava que 35% de seu pastorado era feminino. Mesmo sendo números distantes de uma igualdade, poucas denominações evangélicas conseguem tal patamar. No âmbito da Igreja Quadrangular, em muitas unidades, a pastora titular é a esposa, enquanto seu marido assume o papel de pastor auxiliar, algo que se difere bastante da realidade de igrejas evangélicas. Além disso, ao longo de sua trajetória, o Instituto Bíblico Quadrangular teve uma diretora, cargo bastante incomum de ser ocupado por uma mulher em denominações evangélicas. Ponto interessante é que essas pequenas conquistas de ocupação de espaços de liderança por mulheres no contexto da denominação fundada por Aimee ocorreram sem causar grandes conflitos internos ou controvérsias, o que pode estar conectado, exatamente, com o fato de a igreja ter sido fundada por uma mulher (Freston, 1993).

É importante ressaltar que o fato de haver uma maior presença feminina em posições de liderança na Igreja Quadrangular, quando comparada com outras denominações, não a torna automaticamente uma instituição igualitária ou um exemplo a ser seguido pelas demais. Embora tenha sido fundada por uma mulher e por isso seja esperada a existência de um espaço mais significativo destinado às mulheres, é preciso reconhecer que a igualdade está longe de ser alcançada, também pelo fato de esta não ser só quantitativa. Embora a igreja tenha alcançado um nível de representatividade feminina numericamente mais expressivo é necessário avaliar até que ponto as mulheres nesse contexto possuem as mesmas

oportunidades de influenciar, liderar e contribuir para a vida e as decisões da denominação que os homens nela presentes, bem como se elas estão buscando e alcançando a sua autorrealização e empoderamento, ou seja, compreender se mesmo em posições de destaque elas são capazes de expressar seus pensamentos ou se continuam a ser muito influenciadas e limitadas pela ideologia patriarcal imposta, não só vivendo as barreiras que essa impõe, mas também as reproduzindo em suas pregações.

## **2.2. O LUGAR DA MULHER**

Em qualquer campo ideológico, independente da sua natureza, existe sempre um elemento central que define sua lógica de existência e alimenta as disputas que ocorrem nele. No contexto religioso, tal elemento é a preservação do monopólio dos princípios doutrinários, pelo qual os diferentes grupos competem (Scavone, 2008). E dentro de uma doutrina, a figura feminina, por exemplo, é frequentemente subjugada pelos preceitos estabelecidos através da hierarquia masculina numa ideologia patriarcal. E a disputa ocorre internamente quando essa estrutura dominante é desafiada, muitas vezes, pelas próprias mulheres ao buscarem novas maneiras de se relacionar com a espiritualidade, questionando assim as normas e restrições impostas a elas pelos sistemas religiosos.

Essa procura por novas formas de vivenciar a fé pode levar ao surgimento de movimentos de renovação e grupos que redefinem o papel das mulheres no campo religioso. Iniciativas estas que desafiam as estruturas tradicionais ao tentar exercer uma maior equidade de gênero, proporcionando às mulheres não só o pertencimento, mas a possibilidade de ter participação e voz ativa na comunidade religiosa, podendo ocupar espaços de liderança. Entretanto, é importante reconhecer que a luta pela igualdade de gênero no campo religioso é complexa e encontra significativas resistências. O que não impede que mulheres continuem a desafiar e redefinir as normas estabelecidas, promovendo mudanças e abrindo caminhos para uma maior inclusão. E à medida que essas vozes vão ganhando força e apoio, mais palpável se torna a mudança do campo religioso, tornando-o mais diversificado e receptivo às diversas expressões femininas existentes de fé (Scavone, 2008).

Alguns exemplos dessa evolução e dos resultados que ela gera vão ser explorados nos capítulos subsequentes. O foco deste, todavia, é compreender a posição que as mulheres ocuparam ao longo da história e continuam a ocupar no cenário religioso.

Ao analisarmos a relação existente entre o cristianismo e as mulheres é possível perceber uma proximidade que remonta aos primórdios do movimento, quando estas ainda eram seguidoras diretas de Jesus Cristo e de seus apóstolos, desempenhando papéis ativos nas primeiras comunidades cristãs. No entanto, com o passar de mais de dois mil anos de história, o lugar das mulheres, os ministérios que exerceram e os testemunhos que deixaram nem sempre foram devidamente valorizados. Durante os 21 séculos que se passaram, desde que a igreja cristã surgiu, testemunhamos grandes mudanças históricas, e algumas delas dizem respeito especificamente aos ministérios femininos.

No século XX, por exemplo, diversas igrejas protestantes passaram a ordenar mulheres ao trabalho pastoral, resgatando assim, de algum modo, a expressiva presença feminina existente na chamada Igreja Cristã Primitiva. Aqueles que defendiam tal inclusão apoiavam-se principalmente na proposta inclusiva de Jesus como justificativa para sua postura, além de argumentar em prol da revisão dos fundamentos bíblicos e teológicos que haviam limitado o envolvimento das mulheres até o século XIX. Essa mobilização de reconhecimento e valorização do ministério feminino foi impulsionada por estudiosos da área de teologia que buscavam uma compreensão mais abrangente e igualitária das escrituras sagradas.

A presença e liderança das mulheres em espaços religiosos sempre foi um assunto controverso, envolvendo não apenas o campo da teologia, mas também uma série de elementos socioculturais que moldam as percepções e normas dentro do cristianismo. Desde o início do movimento cristão, muitos dos costumes considerados como verdades absolutas de fé têm sido, na realidade, tentativas de assimilar os valores dominantes das respectivas épocas. Diante desse contexto, é importante recuperar analiticamente a atuação das mulheres como pregadoras no decorrer da história, a fim de destacar que, mesmo considerando diferentes períodos e lugares, sempre houve mulheres e homens comprometidos com a vivência da mensagem cristã considerada autêntica, que não se deixaram intimidar pelas ameaças das lógicas socioculturais vigentes.

Um argumento comumente manipulado para restringir a participação feminina nas igrejas é a ausência de mulheres entre os doze apóstolos. No entanto, tais críticos desmerecem

o fato de que é impossível negar a presença e a importância das mulheres que estiveram na companhia próxima de Jesus Cristo. Sua mãe, Maria de Nazaré, desempenhou um papel significativo ao ser a impulsionadora na criação do seu ministério, espaço em que Jesus sempre valorizou o diálogo com as mulheres. Maria Madalena, por exemplo, foi acolhida por ele, sendo convidada a se sentar próxima para ouvir sua palavra, assim como faziam os discípulos. Mais que isso, ela foi a primeira seguidora a ver e anunciar a ressurreição do Cristo. Sua importância no movimento cristão (Tomaso, 2020) levaria o Papa Francisco a reconhecê-la, em 2016, como “apóstola dos apóstolos”<sup>1</sup>.

Em nenhum trecho dos evangelhos, Jesus Cristo questiona a dignidade das mulheres, limitando a capacidade delas ou restringindo sua atuação. Pelo contrário, tabus e preconceitos de sua época foram constantemente desafiados por ele, cada vez que o mesmo interagia com as mulheres. E a fidelidade delas foi notavelmente demonstrada até o último dia, durante a crucificação, enquanto muitos discípulos se escondiam, as mulheres, notadamente Maria de Nazaré e Maria Madalena, permaneceram ao lado de Jesus prestando seu apoio. Portanto, ao analisarmos o papel das mulheres na história do cristianismo, é importante que não atentemos somente às normas socioculturais e às interpretações feitas pelo olhar dessas, mas sim reconhecer o exemplo de Jesus Cristo na abertura para a participação feminina ativa na comunidade religiosa, perspectiva esta, que, desde o início, desafia estereótipos por apontar o potencial das mulheres como participantes importantes na comunidade de fé.

A partir do primeiro século, entra em vigor uma tentativa de domesticação feminina e negação da mensagem libertadora e igualitária entre os gêneros. Os chamados “códigos domésticos”, elementos da cultura que definiam os papéis que homens, mulheres e crianças deveriam desempenhar na família, religião e sociedade em geral da época, foram incorporados como verdades de fé. Tais códigos estabeleciam a autoridade absoluta do “*pater familias*”, personificado na figura do homem, cidadão livre do Império Romano, sobre sua esposa, filhas(os) e escravas(os). O homem era considerado o proprietário, possuindo poder absoluto sobre aqueles que estavam sob sua autoridade. O tom libertador e igualitário que havendo adaptação aos padrões discriminatórios da sociedade romana. Isso resultou na redução dos espaços e oportunidades antes destinados às mulheres cristãs. A mensagem original de libertação e igualdade foi reinterpretada e filtrada pelos preconceitos culturais dominantes, fazendo emergir uma hierarquia patriarcal que passou a marginalizar as mulheres das principais práticas religiosas.

---

<sup>1</sup> [https://www.vatican.va/roman\\_curia/congregations/ccdds/documents/articolo-roche-maddalena\\_po.pdf](https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/ccdds/documents/articolo-roche-maddalena_po.pdf). Acesso em: 28/06/2024

Caminhando um pouco mais no tempo, no início do terceiro século, à medida que a igreja se tornava cada vez mais próxima do Império, começaram a ocorrer mudanças significativas na participação das mulheres no espaço eclesial. Anteriormente, mesmo que já com diversas restrições em relação à participação feminina, eram destinadas às mulheres funções dentro da igreja e no âmbito doméstico, uma vez que os cultos eram realizados na individualidade das casas. No entanto, com a aproximação entre a igreja e instituições que detinham poder, é iniciada uma discussão acerca da possibilidade de as mulheres exercerem ministérios publicamente, uma vez que o ministério eclesiástico se tornava cada vez mais uma função externa.

Nesse mesmo contexto, desenvolveu-se a crença de que Jesus Cristo, por ter sido um homem, estabelecia maior proximidade entre os homens e Deus. Tal crença acabou criando uma hierarquia em que Deus e seu filho ocupavam o topo, seguidos proximamente pelos homens, e, por fim, as mulheres, que eram vistas como as mais próximas ao diabo. Presos na ideia de que a mulher foi a segunda na ordem de criação e a primeira a pecar, surge a alegação de que elas não poderiam fazer uma verdadeira representação de Cristo na eucaristia, afinal só o homem poderia ser considerado o legítimo representante do divino. Esta visão, equivocadamente, hierarquizada restringiu a participação das mulheres nos ministérios e vedou sua liderança na igreja.

Mais adiante, no período da Reforma Protestante, o argumento segregador passou a dar ênfase ao lugar natural da mulher na sociedade como sendo restrito à maternidade e ao matrimônio. Os reformadores deixaram de dar valor aos conventos como sendo uma escolha possível para as mulheres, espaço onde poderiam ter acesso à educação e bem-estar, ao mesmo tempo em que conseguiam se manter distantes dos perigos da mortalidade materna, muito comum no período. Isso não quer dizer que os protestantes negavam a importância do papel feminino no testemunho da fé. Por outro lado, houve uma ampla disseminação do ensino religioso em todo o segmento cristão. Todavia, ainda não era dada a elas a permissão de assumirem o sacerdócio ordenado, mantendo a base argumentativa de desigualdade social entre homens e mulheres, conforme a suposta ordem natural estabelecida por Deus.

Para Martim Lutero, figura central da Reforma Protestante, a mulher foi criada para servir como auxiliadora do homem, uma companheira de vida, cujo dom divino, fornecido pelo criador, era o de gerar filhos; e a função principal, além de ser uma boa esposa, era cuidar das crianças e educá-las, de acordo com os princípios cristãos. Por isso, acreditava-se

que a mulher deveria somente testemunhar sua fé a partir desse papel na família. A procriação aqui deixou de ser uma mera perpetuação da espécie humana, recebendo um significado espiritual e o matrimônio era vendido como a melhor das instituições divinas. Nesse contexto, homem e mulher passam a ser vistos como iguais, à imagem de Deus, pois ambos são chamados “a viver em Cristo”. No entanto, na ordem natural, o papel da mulher, correspondendo à sua função materna, é de subordinação ao homem.

Por muito tempo continuou a ser sustentada essa posição reinante de separação das duas esferas de gênero, delegando papéis bem definidos e distintos para homens e mulheres. Todavia, a partir dos anos 1970 até os anos 2000, ainda que a perpetuação de valores simbólicos continuasse firme, houve significativas mudanças. Um embate surge nesse período através da contestação direta à hierarquia masculina, que ditava regras para a vida das mulheres, perpetuando as desigualdades de gênero. O lugar destinado às mulheres no contexto religioso passa a ser questionado, assim como a impossibilidade da ordenação feminina, confrontando a lógica de poder presente no campo religioso.

A busca pela profissionalização e a maternidade - vista esta não mais como a única opção, mas uma escolha dentre tantas- ampliou as possibilidades de as mulheres alcançarem a realização pessoal. Tais mudanças, porém, não fizeram com que elas abandonassem as práticas religiosas. Parte da sociedade começou a contestá-las, enquanto grande parcela das mulheres continuava submetendo-se aos limites estabelecidos, mesmo que em religiões mais restritivas, com regras que diziam respeito à contracepção, por exemplo. O fato é que nem todas as fiéis seguiam cegamente as normas, o que contribuiu fortemente para a busca das mulheres cristãs por religiões mais libertárias e menos restritivas.

Através dessas disputas, envolvendo as relações de gênero vigentes até então, os padrões tradicionais de comportamento vão sendo abatidos, ao mesmo tempo que o conservadorismo vai sendo reforçado, justamente pelo medo dessas mudanças, fortalecendo a dominação masculina e sua permanência social (Bourdieu, 1998). No caso brasileiro, esses padrões tradicionais são agravados pela profunda desigualdade social intrínseca à realidade do país, também criando diversas intersecções com as questões raciais de gênero. Assim, as mulheres brasileiras veem na religião uma espécie de fuga, encontrando em grupos religiosos o conforto, segurança, reconhecimento social, escuta que não encontraram em outros campos da sua vida, através da salvação divina que é distante da sua realidade material.

Por essa razão, as igrejas pentecostais e sua característica de oferecer aos fiéis soluções mais imediatas a problemas materiais, alinhada ao pragmatismo protestante, faz com que a porcentagem atual de participação por gênero, haja grande predominância das mulheres. Nos últimos anos, cada vez mais, as mulheres migraram para as denominações pentecostais, guiadas por uma busca por respostas imediatas para seus problemas familiares e pessoais, algo que a igreja promete sanar enquanto reafirma o lugar tradicional das mulheres na sociedade, de acordo com a lógica patriarcal. Além disso, a Teologia da Prosperidade, própria do neopentecostalismo (Mariano, 1999), contribuiu para que esses grupos religiosos conseguissem se expandir com grande força econômica-institucional.

Por fim, segundo Lucila Scavone (2008), é possível afirmar que todas as transformações socioeconômicas da modernidade e a difusão das ideias feministas nos últimos 40 anos incidiram diretamente sobre as relações de gênero. Estas ideias abriram espaço para que em todos os campos sociais as questões de gênero fossem levantadas. Scavone conseguiu observar que - mesmo o campo religioso, em seu aspecto institucional tradicionalmente antifeminista - não ficou imune aos efeitos socioculturais das ideias feministas contemporâneas. As críticas e as disputas continuam surgindo constantemente, mesmo que a manutenção da lógica patriarcal seja realizada de modo incontestado, conseguindo preservar sem mudanças grande parte das estruturas estabelecidas há muito tempo no campo.

### **2.3. A ASCENSÃO DO PASTORADO FEMININO NO CAMPO PENTECOSTAL**

Na tradição das igrejas evangélicas, a figura do pastor desempenha um papel de indiscutível importância. Suas responsabilidades são amplas, vão de liderar a comunidade, sendo encarregado de conduzir cerimônias religiosas de batismo, casamento e funeral; até orientar os fiéis, oferecendo aconselhamento e apoio espiritual, instruindo-os na doutrina cristã e disseminando a mensagem considerada divina através da pregação. Seu papel, muitas vezes, transcende a dimensão meramente religiosa, estendendo-se igualmente ao âmbito social e emocional. O pastor pode desempenhar um papel importante ao auxiliar a comunidade a lidar com questões cotidianas, conflitos interpessoais, problemas de relacionamento e outras questões que afetam a vida dos fiéis. Em muitos casos, ele é visto como alguém que vai além de um líder espiritual, sendo considerado como um amigo em quem se pode confiar em relação a quaisquer problemas.

Nesse contexto, a figura do pastor é fundamental para a dinâmica e o funcionamento das igrejas evangélicas. Ele exerce um papel de referência para a comunidade e seu trabalho pode ter um impacto na vida dos fiéis, para o bem ou, infelizmente, para o mal também. A relação estabelecida entre o pastor e os membros da comunidade religiosa local é construída sobre pilares da confiança, e suposto compromisso com a autêntica fé cristã, o que faz com que o papel do pastor seja crucial para o desenvolvimento e o funcionamento das igrejas evangélicas. Tomando como exemplo a Assembleia de Deus:

Tradicionalmente, um homem chega a ser pastor vencendo uma série de estágios de aprendizado: auxiliar, diácono, presbítero, evangelista, pastor. Embora haja elementos clericais no sistema (ritos reservados aos pastores), não há abismo entre clero e laicato. O pastor é apenas aquele que chegou ao topo da escada, mas não se distancia do membro comum por uma formação especializada. A escada de aprendizado é forte meio de controle social nas mãos dos pastores-presidentes. A subida costuma ser lenta (Freston, 1993, p. 73).

Como dito no capítulo anterior, na trajetória histórica do cristianismo, é possível observar manipulação de normas e costumes, ao apresentá-los à sociedade como verdades de fé, quando, na realidade, eram só tentativas de reafirmar os valores culturais predominantes de cada período. Tal manipulação era, em grande parte, realizada por homens com o intuito de manter a dominação masculina no contexto religioso. O que foi bastante eficiente, haja visto que, mesmo quando pequenos grupos demonstraram insatisfação e lutavam diretamente contra a lógica socialmente estabelecida, a grande maioria das mulheres, presas em tal contexto, não conseguiam se ver livres da subordinação imposta a elas.

Durante o período da Reforma Protestante, duas personagens femininas possuíram grande destaque para nos ajudar a compreender qual era o tipo de argumentação utilizada pelas mulheres que discordavam da manipulação existente, a partir das discussões teológicas da época. A primeira foi Marie Dentière, de Genebra, que, em 1539, escreveu uma carta a uma amiga francesa, expressando sua defesa em relação à liberdade da pregação feita por mulheres (DEIFELT, 2014). Ela usou como embasamento Mateus 25. 14-30, a passagem bíblica sobre a parábola dos talentos, como ilustração de como a proibição da pregação feminina resulta um desperdício dos dons pastorais das mulheres.

Na passagem em questão, o termo “talento” é usado de maneira alegórica para expressar a “Palavra de Deus” que era confiada aos cristãos. Todavia, Marie entendeu o

mesmo com base no sentido moderno, como sendo uma habilidade natural com potencial de ser aprimorado, como tocar um instrumento, por exemplo. E ela o fazia, pregando publicamente em um convento, como freira, dizendo buscar sempre desenvolver o dom que lhe fora dado. Fazia isso e incentivava o abandono da vida celibatária para viver uma “vida próxima ao Evangelho de Cristo e repleta de alegrias por construir uma família”. Em 1533, uma carta aberta intitulada “Em Defesa das Mulheres” foi escrita pela mesma, na qual argumentava que mesmo sendo retirado das mulheres o direito de pregar em assembleias, não era justo também as proibir de escrever e aconselhar umas às outras. A carta foi amplamente divulgada, o que lhe causou uma onda de perseguições.

A segunda foi a inglesa Rachel Speight, uma calvinista que também se baseou na parábola dos talentos para escrever sua obra poética sobre o significado da morte, em 1621 (DEIFELT, 2014). Segundo ela, as mulheres receberam sua alma, corpo e espírito de Deus. E sendo a alma o “lugar” onde habita a mente, a vontade e o poder, não teria sentido Deus ter dado às mulheres todos esses talentos se não fosse para elas os usarem, haja visto que, ao fazerem mau uso de tais dons, seriam consideradas “servas irresponsáveis”. Assim, o fato dessas mulheres pregarem não era só uma questão de oportunidade dada pela comunidade cristã, mas sim um compromisso dessas pregadoras com o Evangelho, uma responsabilidade frente “ao Senhor”.

Da mesma forma que ocorreu com Dentièrre, como não lhe era permitido pregar em público, Speight publicou seus pensamentos religiosos em forma de textos. Naquela época, a maioria das escritoras usavam pseudônimos masculinos, para assim conseguirem se manter no anonimato e fugir da censura. Todavia, Rachel foi uma das primeiras mulheres a usar seu próprio nome, assinando como autora. Além disso, ela fazia uso de um artifício literário muito comum entre os protestantes, qual seja, para cada argumentação defendida, ela anotava na margem do texto passagens bíblicas originais que justificassem sua posição, mostrando ter competência para argumentar teologicamente.

O argumento sobre dons espirituais mobilizado pelas duas figuras citadas acima foi amplamente utilizado nos séculos que seguiram a Reforma. Mas demorou até o século XX para que as mulheres pudessem exercer papéis de maior relevância nas igrejas protestantes. Isso porque elas passaram muito tempo argumentando individualmente, ao invés de lutar como coletividade feminina, de modo a ter mais força. Tal contexto ocorreu, pois as discussões levantadas eram colocadas como exceções à regra, e as mulheres que

questionavam eram vistas como figuras que queriam estar acima das fiéis comuns. E elas próprias se entendiam como escolhidas pelo Espírito Santo, independente do seu gênero, para desempenhar determinadas atividades, como a de pregar publicamente a chamada palavra divina.

Tais mulheres realizaram seus feitos movidas pela ideia de que eram excepcionais por obra divina. Elas não questionavam a grande ideologia misógina de inferiorização feminina, supondo que esta poderia ser mantida, contanto que elas fossem entendidas como seres especiais deslocadas do grupo comum. Dentro das igrejas, a tendência das mulheres era de solicitar espaços privilegiados para si, enquanto indivíduo, não enquanto organização coletiva classe. Mulheres que tinham acesso à educação, oportunidade de escrever e, além disso, capacidade de financiar a publicação de seus textos, eram uma parte muito pequena da população. Condições como essas ficavam restritas somente às mulheres de classe alta, que não defendiam os interesses de suas congêneres, mas sim os seus próprios desejos de se tornarem “iguais” aos homens, alcançando os mesmos direitos religiosos que os membros masculinos de sua classe social.

Outrossim, seria equivocado dizer que esses interesses particulares não trouxeram transformações no ministério feminino. A constante argumentação de que a vocação dependia de Deus, com o sopro divino chegando aonde à divindade quer, quando quer e sem fazer acepção de pessoas, fez com que os impedimentos para a aceitação de mulheres nos ministérios fossem superados, passando a ver os testemunhos das mulheres também como um chamado do Espírito Santo. Em um clássico texto do século XVII, intitulado *Women's Speaking Justified*, que circulou em diversas igrejas estadunidenses, Margaret Fell, uma mulher de tradição Quaker, argumentava que a proibição do pastorado feminino era completamente sem sentido, uma vez que as mulheres haviam sido escolhidas e movidas a falar pelo espírito divino, e que a vontade de Deus jamais poderia ser questionada por vozes humanas.

Ademais, mesmo não tendo papéis de grande destaque nas comunidades religiosas, muitas mulheres que eram esposas de reverendos e pastores conseguiam desempenhar algumas funções. Entre os agrupamentos luteranos, era comum que os pastores designados para acompanhar igrejas localizadas no Brasil e demais países da América Latina viessem solteiros, pois somente após algum tempo as noivas podiam juntar-se aos futuros maridos.

Tais esposas participavam ativamente da vida e da liderança das comunidades locais. No entanto, lamentavelmente, a historiografia não se preocupou em resgatar a biografia de muitas dessas mulheres, de modo que são poucos os registros existentes de suas atuações (DEIFELT, 2014).

### 2.3.1. CONTEXTO LATINO-AMERICANO

De modo geral, o rosto do protestantismo latino-americano e a presença feminina nele é profundamente influenciado pelo papel alocado às mulheres dentro das igrejas protestantes de sua origem e os padrões culturais de seu contexto. Muitas missionárias foram designadas para trabalhar na América Latina, não porque houvesse uma profunda convicção religiosa sobre a capacidade das mulheres de propagar “a Palavra”, mas sim por questões meramente práticas. Sendo o território latino-americano fortemente marcado pelo catolicismo e por cultura machista, seriam ínfimas as oportunidades para missionários realmente evangelizarem mulheres do continente.

As mulheres missionárias, porém, não possuíam tal compreensão e aceitavam vir ao continente prontamente, movidas pelo seu fervor religioso, ainda que a própria pregação das igrejas protestantes, baseadas nas crenças estabelecidas na aurora da religião, não motivava uma maior autonomia feminina. Por outro lado, a participação da mulher na vida pública era vista como uma extensão de suas atribuições no lar, como dona de casa, esposa e mãe. E a influência das igrejas de origem na Europa e Estados Unidos se fazia presente em todos os demais locais do globo, independentemente dos seus diferentes contextos. No decorrer do século XX, especialmente a partir da década de 1950, a ordenação de mulheres ganhou alguma frequência nas igrejas protestantes. Entretanto, o fato de haver mais mulheres em cargos de liderança não implica que esta seja uma configuração aceita pelos membros da comunidade religiosa, mesmo que haja uma constante preocupação pela argumentação teológica acerca dos ministérios femininos no contexto pentecostal. O “Encuentro Latinoamericano de Mujeres Pentecostales”, de 1995, no Peru, evidenciou que este era um tema bastante mobilizado. O seminário foi voltado à explicação dos fundamentos bíblicos do ministério pastoral da mulher, bem como ao reconhecimento da participação feminina no processo histórico do movimento pentecostal latino-americano. Assim como gerações de mulheres anteriormente haviam afirmado terem sido chamadas pelo Espírito de Deus para

exercerem sua vocação ministerial, a partir dos depoimentos e palestras ocorridos no evento, as pastoras pentecostais falaram com grande ardor religioso.

No protestantismo latino-americano, a atuação das mulheres nas comunidades religiosas acontecia comumente de duas maneiras, como leigas e voluntárias. Tanto entre as igrejas protestantes resultantes do esforço missionário estrangeiro, como entre aquelas de transplante, ou seja, provenientes da chegada de imigrantes, as mulheres tiveram um papel importante. Através do voluntariado, estas se organizavam e financiavam trabalhos diaconais, assistenciais e missionários. Além disso e através de seu próprio esforço, muitas comunidades locais e paróquias foram mantidas por mulheres, que contribuíram bastante para a sustentação do próprio ministério ordenado masculino.

Como dito, nos séculos XIX e XX, diversas sociedades religiosas estabelecidas na Europa e Estados Unidos enviaram mulheres missionárias para os países latino-americanos, sendo elas, em grande parte, casadas com homens também missionários. Mas mesmo sendo um número bem menor, algumas vieram solteiras, convictas de sua missão religiosa e da importância da sua contribuição em espalhar sua palavra divina e auxiliar as regiões menos favorecidas, especialmente nas áreas da saúde e educação. O movimento das missões femininas para a América Latina, mesmo que não valorizada pelas comunidades religiosas que as enviavam, auxiliou na aceitação do ministério feminino e da ordenação feminina em determinadas posições de liderança religiosa. Foi possível observar um aumento gradativo, embora tímido ainda, de pastoras nas igrejas evangélicas existentes no Brasil.

A experiência das missões femininas ocorreu, basicamente, de duas maneiras distintas: a mulher como a pastora fundadora de uma denominação religiosa (como foi o caso da citada Igreja do Evangelho Quadrangular); e a mulher pastora e atuante juntamente com seu cônjuge, também pastor. Por muito tempo, a hierarquia evangélica da grande maioria das igrejas pentecostais era composta apenas por homens, ocupando as funções de pastor e presbítero (uma espécie de co-pastor), podendo a função de diácono ser ocupada por ambos os gêneros.

### 2.3.2. AS PASTORAS PROTESTANTES

Para entender quem são essas mulheres que ocupam posições de poder nas comunidades religiosas, a pesquisa realizada por Fernanda Miranda (2009) tem importância, ao traçar um perfil destas. Inicialmente, um ponto relevante que podemos observar é que o estereótipo da evangélica de outrora, que poderia facilmente ser imaginada com cabelos longos e presos, geralmente em um coque, saía abaixo do joelho, com uma pequena fenda na parte de trás e uma Bíblia clássica embaixo do braço, já não existe mais com a mesma frequência.

Por outro lado, Miranda (2009), ao procurar pastoras para sua pesquisa encontrou mulheres próprias da contemporaneidade, com vaidosos traços femininos. Geralmente oriundas de famílias de classes médias, mães de, em média, dois filhos e casadas com pastores da mesma denominação religiosa. Elas têm entre 35 e 65 anos e possuem, em sua maioria, o ensino médio completo, salvo exceções que fizeram o ensino superior. O processo de chegada delas ao ministério pastoral é realizado pelo casal unido pelo matrimônio religioso e civil, participando conjuntamente de cursos para formação em teologia, estudos bíblicos e estando presente em outros ministérios nas igrejas.

Nas entrevistas realizadas para a pesquisa de Fernanda Miranda, ao serem questionadas sobre o que motivou o exercício do pastorado feminino, a resposta unânime foi por ter sido uma revelação, um chamado divino para “servir ao Senhor”. Alguns exemplos deste são “Eu tenho um povo para lhes entregar!”, “Eu tenho uma igreja para lhe dar”. Todas justificaram a sua atuação como uma autoridade fornecida “pelo Senhor”, com o intuito de dar força a essas mulheres para que elas possam lutar com poder e glória contra qualquer mal que se levantar contra elas e suas crenças. As respostas fornecidas para a pesquisadora expuseram que o exercício pastoral, seja ele exercido isoladamente ou ao lado de seus cônjuges, tem um aspecto principal de vocação divina, não sendo visto como um trabalho, no sentido clássico do termo de ocupação profissional, a ser exercido. Muitas afirmaram não ter ocupação secular, exercendo a apenas a função pastoral.

De acordo com os relatos compartilhados, o exercício da liderança pastoral não lhes confere um salário fixo, apesar de receberem uma ajuda de custo proveniente das igrejas e recursos oriundos de doações e de eventos realizados em prol das denominações às quais se vinculam. Os homens, por outro lado, exercem o ministério pastoral em concomitância com o secular, sendo a maioria atuante como autônomos. Por conta da flexibilidade de horários que

essa área possibilita, os entrevistados alegaram ter a mulher ocupação propícia para conciliar com o exercício pastoral.

Ademais, as pastoras participantes da pesquisa de Fernanda relataram como uma das maiores dificuldades em exercer o ministério pastoral o fato de ter que conciliar a experiência religiosa pública com as tarefas da esfera doméstica, abrangendo cuidados com o lar, esposo e filhos. Dessa forma, as respostas revelaram para a pesquisadora que, mesmo quando exercem uma função de liderança em uma instituição religiosa, tais mulheres continuam enfrentando os mesmos desafios das demais mulheres na atualidade, recaindo muito fortemente sobre elas a responsabilidade de execução das tarefas domésticas. Entretanto, um ponto bastante interessante aqui é que mesmo que as participantes, desta pesquisa tenham colocado esse tema como um desafio enfrentado, vamos observar no próximo capítulo, através das pregações feitas por diversas mulheres, que essa dupla jornada não é vista como um desafio para muitas delas, mas sim como uma posição que lhes foi dada por Deus e que devem ocupar com gratidão.

Esses pontos de convergência entre as pastoras e as demais mulheres na sociedade revelam que as pessoas abrangidas por tal pesquisa, mesmo que muitas vezes dizendo o oposto, estão intrinsecamente inseridas nos dilemas atuais, cujas relações de poder continuam mantendo a hierarquia presente no exercício do pastorado e nos ambientes íntimos no interior de seus lares. E mesmo nos casos em que, na igreja, as tarefas são compartilhadas com o esposo pastor, no lar a configuração segue o padrão sexista, nos quais os afazeres domésticos são muito preponderantemente femininos.

Miranda afirma que para as entrevistadas isso não é um tópico sobre o qual caiba questionamentos. Por outro lado, é um ponto que já carrega uma explicação fácil para a maioria delas. No momento em que são entrevistadas e o tópico é levantado, a passagem bíblica que ilustra o homem como sendo a cabeça da mulher, do lar e da família é prontamente mobilizada. Tal passagem está presente na Carta de Paulo aos Coríntios (11:3-12) e diz:

3. Quero porém, que saibais que Cristo é a cabeça de todo homem, o homem a cabeça da mulher, e Deus a cabeça de Cristo. 4. Todo homem que ora ou profetiza com a cabeça coberta desonra a sua cabeça. 5. Mas toda mulher que ora ou profetiza com a cabeça descoberta desonra a sua cabeça, porque é a mesma coisa como se estivesse rapada. 6. Portanto, se a mulher não se cobre com véu, tosquie-se também; se, porém, para a mulher é vergonhoso ser tosquiada ou rapada, cubra-se com véu. 7. Pois o homem, na verdade, não deve cobrir a cabeça, porque é a imagem e glória de

Deus; mas a mulher é a glória do homem. 8. Porque o homem não proveio da mulher, mas a mulher do homem; 9. nem foi o homem criado por causa da mulher, mas sim, a mulher por causa do homem. 10. Portanto, a mulher deve trazer sobre a cabeça um sinal de submissão, por causa dos anjos. 11. Todavia, no Senhor, nem a mulher é independente do homem, nem o homem é independente da mulher. 12. Pois, assim como a mulher veio do homem, assim também o homem nasce da mulher, mas tudo vem de Deus. (Bíblia Sagrada, Coríntios 11:3-12).

Em suma, o papel das pastoras, de acordo com a visão exposta por Miranda (2009), é aquele de quem deixa de tomar conta exclusivamente da casa e dos filhos consanguíneos e passa a também ser responsável pelos “filhos espirituais”, frequentadores da sua comunidade religiosa. A mulher, aqui, desloca-se dos laços exclusivamente de sangue para criar laços tão fortes quanto ao exercer o papel de pastora e líder de um rebanho. O ministério pastoral é, homogeneamente, descrito pelas entrevistadas como um ofício, uma realização, uma prática de um dom dado por Deus. Nas palavras delas, o pastorado significa cuidar, arrebanhar, interceder, apascentar, evangelizar as ovelhas, conduzir as pessoas, dedicar-se aos fiéis da igreja. É uma função com roupagens novas, revestidas de um caráter mais democrático, em virtude de possibilitar a uma mulher maior participação na liderança pública religiosa, antes exercida exclusivamente por homens.

Além disso, a atribuição principal da mulher pastora se refere à pregação nos cultos, uma vez que as demais atribuições de uma liderança religiosa, como o batismo, a unção dos enfermos, o casamento e a ordenação não devem ser de sua total responsabilidade, mas sim sempre realizadas em parceria com o cônjuge, como cooperadora e auxiliadora. Através dos relatos, Fernanda Miranda observou que a mulher cristã pode até circular com o sagrado nas mãos como portadora da simbologia, mas não tem nenhuma autoridade de dar o teor mágico à palavra divina, uma vez que somente o sacerdote tem tal capacidade, ou seja, de realizar o exercício pleno do pastorado, ou seja, é preciso ser especificamente um pastor homem. A mulher pastora não é vista como uma líder em posição de autoridade, mas sim como um exemplo a ser seguido por outras mulheres adeptas da denominação. E isso não é algo restrito ao cenário da igreja, como fiel e devota do Senhor, mas também no dia a dia, como mulher, esposa e mãe.

A pesquisa de Miranda expõe um ponto que vamos tentar aprofundar nos próximos capítulos do presente trabalho. A lógica de a mulher pastora não ser vista como uma líder, mas sim um exemplo de mulher a ser seguido, pode ser um indicativo claro de que não houve avanço significativo em relação à lógica patriarcal na comunidade religiosa. O único avanço aqui foi em relação a encontrar maneiras atuais e veladas de manter a hierarquização e

submissão feminina. A igreja abriu espaço para que poucas mulheres pudessem ocupar cargos de liderança, entretanto, é de grande importância que o discurso pastoral transmitido por essas pastoras esteja alinhado com os posicionamentos patriarcais, e seja um propagador do papel esperado para as mulheres, como vamos buscar analisar nos capítulos posteriores.

### **3. CAPÍTULO II: O PASTORADO FEMININO COMO VOZ DO PATRIARCADO**

#### **3.1. OS PADRÕES DISCURSIVOS DO PASTORADO FEMININO**

A fim de alcançar o objetivo principal com esta pesquisa - o estudo acerca da perpetuação de discursos sexistas pelas mulheres que ocupam posição de pastoras nas igrejas pentecostais - foi adotada uma série de critérios para garantir a padronização do material analisado. Tais critérios incluíam: 1. A pregação deveria provir de uma gravação de um culto ao vivo, para prevenir cortes e edições subsequentes; 2. A gravação deveria ser oficial, captada na horizontal com foco na pregadora, excluindo gravações amadoras feitas com celulares pelos fiéis. 3. A pregação deveria estar completa, para evitar quebra de informações e falas retiradas de um contexto maior; e 4. A gravação deveria estar disponível na plataforma de vídeo escolhida para a pesquisa: youtube.com.br.

Seguindo os critérios acima, foram analisadas quinze gravações de pregações ministradas por nove diferentes mulheres, representantes do pastorado pentecostal. E a procura pelos vídeos analisados foram realizadas, inicialmente, utilizando os termos “feminismo” e “feminista cristã” na ferramenta de pesquisa do YouTube, e vídeos similares aos resultados que apareceram na lista de sugeridos pela própria plataforma. Ademais, como o interesse da pesquisa reside nos discursos de forma ampla, e não em pessoas específicas, os nomes das pregadoras não serão citados no presente trabalho, mantendo o foco somente no conteúdo propagado pelas mesmas.

Além disso, é importante ressaltar que a intenção dessa análise não reside em uma tentativa de simplesmente refutar tais falas, como em uma disputa de ideias, mas sim compreender, criticamente, de que forma o machismo estrutural continua presente, mesmo nos momentos em que mulheres, dentro do contexto religioso, ocupam posições de prestígio e destaque. Observa-se que a abertura desses espaços não objetiva criar mais oportunidades

para as mulheres, mas sim usar dessas figuras femininas para manter as regras patriarcais impostas, utilizando-as como exemplos a serem seguidos por demais mulheres adeptas das respectivas igrejas.

A análise realizada dos cultos ministrados por pastoras revela um discurso imerso na interpretação patriarcal das escrituras, além da já esperada forte resistência ao laico movimento feminista e aos questionamentos que este levanta em relação aos dizeres bíblicos, enquadrando-os como uma ameaça aos ensinamentos de Deus e ao ensino tradicional da igreja. Através dos vídeos estudados, de cultos compartilhados em ambientes virtuais, uma observação detalhada dos temas abordados foi produzida, revelando certa padronização acerca da maneira que as líderes religiosas articulam suas visões sobre gênero, família, sociedade, entre outros temas levantados nos cultos que corroboram com a perpetuação do discurso patriarcal no ambiente cristão.

No total, foi possível observar 29 temas centrais. É óbvio que em mais de 17 horas de conteúdo analisado, muitos outros temas surgiram, mas aqui iremos focar somente naqueles que tiveram incidência em dois ou mais vídeos. Isso porque, cada uma das nove pastoras tem ideias diferentes e crenças próprias. Todavia o intuito da presente pesquisa é justamente entender os padrões que são mantidos nas diferentes falas e que são utilizados para reforçar ideias favoráveis à manutenção da lógica patriarcal.

O primeiro desses padrões é que muitas pastoras iniciam seus cultos, cujo tema é “feminismo”, se justificando, explicando que houve um chamado divino para trazer essa palavra e que sentiram nessa pregação uma verdade que precisa ser compartilhada. Isso porque há um tabu em trazer esses temas para dentro das igrejas, todavia elas se veem como detentoras da verdade divina, que precisa ser passada para evitar que as fiéis sejam enganadas pelas mentiras das ideologias mundanas. Entendem que a igreja passou muito tempo sem tratar desses temas, mas que é preciso entender sobre coisas como feminismo, pois ele tem entrado nas casas e arrebatado, principalmente, as meninas e jovens. E é papel dos cristãos proteger as crianças, os adolescentes e os jovens desse “mal”.

Além disso, elas acreditam que devem falar sobre isso e compartilhar o que consideram ser a palavra divina a respeito, pois veem o feminismo como uma afronta direta aos ensinamentos bíblicos e do cristianismo. E por conta disso, em diversos momentos de diferentes vídeos, as pregadoras trazem justificativas, apontando que a Bíblia não é um livro sexista, e que seus dizeres nunca impediram as mulheres dos direitos básicos, como trabalhar.

Mas é possível perceber aqui um entendimento raso das pastoras sobre o que é o movimento feminista, e sobre construções sociais para além do âmbito religioso. Elas não conseguem ver que o feminismo não surgiu como um antagonista de Deus e que os princípios e críticas do movimento não são exclusivamente sobre o papel da religião para as mulheres. Ao contrário, para elas e só sobre isso, uma maneira de manipular mulheres e destruir famílias, e cabe a elas trazerem a “verdade” para abrir os olhos de suas comunidades e evitar que mais mulheres sejam arrebatadas por tal “movimento diabólico”.

### **3.1.1. Provérbios 31 10-31**

Uma das ênfases mais marcantes nos cultos analisados é a exaltação da figura da Mulher Virtuosa, descrita em Provérbios 31, versículo 10 a 31. Essa passagem bíblica é frequentemente citada para glorificar as virtudes femininas tradicionais, compreendidas como descritas por Deus. Uma das pastoras analisadas dedica um culto inteiro a esse trecho bíblico, apresentando-o como um manual a ser seguido por todas as mulheres cristãs. Em tal pregação, cada versículo é cuidadosamente traduzido, resultando em doze “leis” do comportamento que Deus supostamente espera das fiéis. Tal trecho bíblico tem o seguinte conteúdo:

- 10 Mulher virtuosa quem a achará? O seu valor muito excede ao de rubis.
- 11 O coração do seu marido está nela confiado; assim ele não necessitará de despojo.
- 12 Ela só lhe faz bem, e não mal, todos os dias da sua vida.
- 13 Busca lã e linho, e trabalha de boa vontade com suas mãos.
- 14 Como o navio mercante, ela traz de longe o seu pão.
- 15 Levanta-se, mesmo à noite, para dar de comer aos da casa, e distribuir a tarefa das servas.
- 16 Examina uma propriedade e adquire-a; planta uma vinha com o fruto de suas mãos.
- 17 Cinge os seus lombos de força, e fortalece os seus braços.
- 18 Vê que é boa a sua mercadoria; e a sua lâmpada não se apaga de noite.
- 19 Estende as suas mãos ao fuso, e suas mãos pegam na roca.
- 20 Abre a sua mão ao pobre, e estende as suas mãos ao necessitado.
- 21 Não teme a neve na sua casa, porque toda a sua família está vestida de escarlata.
- 22 Faz para si cobertas de tapeçaria; seu vestido é de seda e de púrpura.
- 23 Seu marido é conhecido nas portas, e assenta-se entre os anciãos da terra.
- 24 Faz panos de linho fino e vende-os, e entrega cintos aos mercadores.

- 25 A força e a honra são seu vestido, e se alegrará com o dia futuro.  
26 Abre a sua boca com sabedoria, e a lei da beneficência está na sua língua.  
27 Está atenta ao andamento da casa, e não come o pão da preguiça.  
28 Levantam-se seus filhos e chamam-na bem-aventurada; seu marido também, e ele a louva.  
29 Muitas filhas têm procedido virtuosamente, mas tu és, de todas, a mais excelente!  
30 Enganosa é a beleza e vã a formosura, mas a mulher que teme ao Senhor, essa sim será louvada.  
31 Dai-lhe do fruto das suas mãos, e deixe o seu próprio trabalho louvá-la nas portas.

E as regras retiradas deste e repassadas como um manual dizem que a mulher virtuosa: 1. Entende o seu valor; 2. É digna de confiança; 3. Decide fazer o bem; 4. Tem adaptabilidade; 5. Sabe gerir suas funções; 6. É uma trabalhadora dedicada; 7. Tem sabedoria; 8. É generosa; 9. Honra sua família; 10. Não se limita a padrões; 11. É governada por Deus; 12. Teme ao Senhor acima de tudo. Tais regras podem parecer muitos simples, mas servem para a manutenção da lógica machista, uma vez que ao mencionar esse texto, as pastoras reforçam a ideia de que o papel da mulher é primariamente voltado para a esfera privada, que sua dedicação deve ser voltada ao lar, mantendo submissão aos seus maridos e sendo voltada às responsabilidades domésticas, com o lar e os filhos.

Nos discursos, os versículos que discorrem sobre a mulher virtuosa são sempre lidos sob a perspectiva patriarcal, reforçando o lugar da mulher como dona de casa e parceira do homem. E as qualidades citadas por Deus no texto, sempre voltadas para o ambiente familiar, na sua relação com o marido, filhos e afazeres domésticos. Com isso, usam tal passagem como base para grande parte dos discursos, argumentando que o papel da mulher na sociedade - de submissão - foi criado por Deus e não se pode ser recusado. Defendem, ainda, que movimentos libertários, como o feminismo, força as mulheres a ocuparem posições que não foram destinadas a elas enquanto negam o lugar natural dado às mulheres como um presente pelo criador.

Além disso, as pastoras, corriqueiramente, trazem a ideia de que a igreja é a verdadeira fonte de empoderamento feminismo, ensinado às mulheres seu verdadeiro valor e propósito em Deus, como o próprio criador fez em Provérbios 31. Acreditam fielmente que Deus é aquele que realmente empodera as mulheres, enquanto Jesus Cristo foi aquele que mais as ajudou, fazendo muito mais do que o feminismo algum dia fez, já que em uma época

em que as mulheres eram, deliberadamente, tratadas como inferiores aos homens, o evangelho de João revela que Jesus as tratava com a mesma compaixão e respeito dedicado aos homens.

### **3.1.2. Críticas ao Movimento Feminista**

Em contraste à exaltação das virtudes tradicionais femininas, as pastoras constantemente criticam o feminismo, retratando o mesmo como um movimento ideológico que visa destruir os valores cristãos e minar a ordem estabelecida por Deus. Tal crítica se manifesta de várias formas, desde a negação da possibilidade da existência de feministas cristãs, vendo o feminismo e o cristianismo como completamente opostos, até a caracterização do feminismo como sendo uma ideologia puramente anticristã, já que este deturpa a verdade bíblica e “quer acabar com a igreja e família”.

Aprofundando um pouco mais nesses dois extremos, frequentemente, o feminismo é apresentado nos cultos como oposto ao cristianismo, destacando uma suposta incompatibilidade entre as duas visões de mundo, o que tornaria impossível a existência de uma mulher que se considera, ao mesmo tempo, feminista e cristã. Argumenta-se que o feminismo busca promover uma igualdade que vai contra a ordem divina, negando as diferenças entre homens e mulheres, que foram estabelecidas por Deus. Abordagem esta que reforça a ideia de que as mulheres devem aceitar sua posição submissa e limitada ao lar, como preconizado pelas interpretações patriarcais das escrituras.

Segundo as pastoras, o criador fez homens e mulheres como sendo seres com papéis e propósitos distintos, mas iguais perante a Des. Afirmam que é impossível Homens e Mulheres serem iguais, trazendo sempre argumentos biológicos como base, como o fato de homens serem mais fortes e mais rápidos que as mulheres, mas sem nunca ponderar sobre fatores políticos e sociais, comumente presentes nas discussões feministas.

Em diversos cultos o tema feminismo é trazido como uma mentira que precisa ser veemente combatida pela igreja. As pastoras criticam o movimento feminista por supostamente promover a destruição da família, argumentando que, na realidade, o movimento nunca foi sobre as mulheres, somente as manipula e as utiliza como massa de manobra para acabar com as instituições divinas. O feminismo é retratado como uma força corrosiva que ameaça a estabilidade e a integridade das estruturas familiares, criando uma atmosfera de medo em relação às suas supostas consequências nefastas.

E para enriquecer esse discurso e criar a sensação de temor em relação ao feminismo, muitas vezes a legitimidade do movimento é questionada ao associá-lo a outras ideologias consideradas nocivas por grupos conservadores, como o marxismo. Em diversos vídeos, o marxismo ou Karl Marx, são diretamente citados como o pivô que deu início ao movimento feminista. Além de sempre levantar argumentos que vão gerar uma revolta popular acerca do movimento, como é o caso do aborto, sendo as feministas corriqueiramente chamadas de abortistas e matadoras de crianças. Em nenhum culto, há um aprofundamento nesse tempo, que busque entender o lado das mulheres de lutarem sobre o poder a respeito de seus próprios corpos e os direitos reprodutivos. Por outro lado, são sempre citações rápidas para gerar somente revolta na comunidade que está assistindo a pregação e que acredita que feministas só querem ter o poder de matar crianças indesejadas, provenientes de pecados sexuais.

A maternidade é outro tema a respeito do qual as pastoras se posicionam contra o feminismo. Elas afirmam que o movimento feminista deturpa a verdadeira natureza da maternidade. Tais pastoras retratam a maternidade como uma bênção divina e uma expressão da feminilidade, enquanto dizem que o feminismo a vê como uma forma de opressão. Essa visão glorificada da maternidade serve para reforçar a ideia de que as mulheres devem encontrar sua realização dentro do papel tradicional de esposa e mãe, em conformidade com os preceitos religiosos. Reforçam, assim, a ideia de que todas as mulheres nasceram para se tornarem mães e que toda a felicidade delas deve estar pautada nisso, sendo um ideário tradicional, historicamente presente primeiro, e com força no catolicismo (Prandi, 1975).

Para supostamente justificar o que consideram perversidade do movimento feminismo, a maioria das pastoras analisadas passam em seu discurso pelas diferentes ondas, mas divergem um pouco nessa abordagem. Isso porque, algumas sustentam o argumento de que o movimento feminista começou bem, mas se perdeu com o passar do tempo, alcançando a decadência nas ondas mais recentes; enquanto outras veem o movimento como não sendo bom desde o início, começando ruim e só ficando pior com o passar do tempo. Além de citarem recortes específicos, fora de contexto, de algumas pensadoras feministas como Simone de Beauvoir, Beth Freeman, Judith Butler, entre outras, buscando justificar o feminismo como um movimento vitimista que coloca as mulheres como as únicas injustiçadas do mundo, quando, na verdade, segundo elas, seria uma grande mentira a condição das mulheres como oprimidas socialmente.

Na verdade, acreditam no oposto, isso porque veem a submissão feminina como uma criação divina que deve ser seguida por todas as mulheres, portanto, se há algo negativo ou um fardo nesse sistema, quem o carrega na realidade são os homens, já que são eles que ficam com a responsabilidade de prover a casa e liderar, sendo chefes de família. Já para as mulheres a única tarefa é serem suportes e companheiras fiéis de seus maridos, prezando sempre pela feminilidade acima de tudo e aceitando o suposto papel que Deus lhes deu de presente. Neste sentido, para elas basta serem passivas ao aceitar a ordem natural, enquanto os homens carregam o peso de serem líderes do lar e terem que, ativamente, trabalhar para o desenvolvimento do mesmo.

Com isso, as pastoras também argumentam que a ideologia feminista, ao distorcer os papéis de gênero, busca minar a autoridade masculina, criando uma atmosfera de conflito e divisão entre os sexos. Argumentam ainda que a existência de homens feminilizados e mulheres masculinizadas é uma afronta direta à ordem natural criada por Deus, algo que acaba destruindo as famílias, criando crianças confusas e adultos frustrados, pois são obrigados pela sociedade moderna a seguir padrões mundanos contrários a Jesus Cristo.

### **3.1.3. Diabo, o pai do feminismo**

Como citado, a maioria das pastoras ao trazer o tema feminismo para os cultos, buscam fazer isso de maneira que gere certo nível de terror ou pânico moral nos fiéis, com a justificativa de que estão fazendo isso para salvar as mulheres cristãs. Considerando-se o ambiente religioso, nada melhor para essa argumentação do que perpetuar a ideia de que o feminismo foi criado pelo Diabo e que seus princípios vieram diretamente do inferno, exercendo tal figura mítica destacado papel no pentecostalismo nacional (Souza; Abumanssur; Leite Júnior, 2019) Com isso, o movimento feminista é corriqueiramente citado como sendo uma espécie de religião, um culto satânico com objetivo de dominar o mundo através da manipulação de mulheres, que, sem conhecerem a palavra divina, são levadas a crer em mentiras mundanas.

E isso não é algo recente, já que algumas pregadoras acreditam que o feminismo começou muito antes da primeira onda no século XIX, tendo seu verdadeiro início no bíblico Jardim do Éden. Elas corriqueiramente destacam o suposto viés anticristão do feminismo ao associá-lo a figuras bíblicas negativas, como Eva e Jezabel. Eva é retratada como a primeira

feminista, aquela que foi manipulada pela cobra e cuja desobediência trouxe o pecado ao mundo, enquanto Jezabel é vista como a encarnação do espírito rebelde e anti-Deus que permeia o feminismo.

Para fortalecer essa argumentação antifeminista nos cultos analisados, corriqueiramente, são feitas associações do movimento com outras ideologias que são condenadas pelos grupos pentecostais, como é o caso das que norteiam o segmento LGBTQIAPN+<sup>2</sup>. As pastoras afirmam que o feminismo desafia a ordem divina ao questionar as normas - segundo elas - “tradicionais” de sexualidade e identidade de gênero. Elas criticam veementemente o conceito de gênero como construções sociais e, muitas vezes, se utilizam de argumentos transfóbicos para justificar que Deus criou o homem e a mulher como seres diferentes e nada além disso, de modo que todas as outras existências seriam criações mundanas, não legitimadas pelo criador e uma afronta direta à sua vontade. Elas rejeitam qualquer tentativa de questionar ou subverter as categorias binárias de masculino e feminino, argumentando que tais esforços são contrários à vontade de Deus e à ordem natural das coisas.

Diversas pregações fazem referência à tão temida pelos cristãos, ideologia de gênero (Machado, 2018), utilizando muitas vezes argumentos homofóbicos para negar as ideias progressistas do movimento feminista. Além de trazerem temas contemporâneos, como a linguagem neutra, para chamar a atenção dos fiéis para essa grande influência corruptora que, supostamente, desvia as mulheres do caminho da verdade cristã. Ademais, as pastoras reforçam a ideia de que a igreja é a verdadeira fonte de empoderamento feminino, ensinando às mulheres seu verdadeiro valor e propósito conforme a vontade divina. Elas defendem que as mulheres e os homens têm papéis distintos, mas igualmente importantes na obra de Deus e que esse é um tema que deve ser tratado no ambiente religioso, pois seria um mal que tem entrado cada vez mais nas casas das famílias e é dever da igreja defender as jovens dos perigos dessa ideologia.

Em suma, a análise dos temas abordados nos cultos ministrados por mulheres pastoras revela uma postura nitidamente antifeminista, enraizada em interpretações patriarcais das passagens bíblicas, como é o caso da leitura de Provérbios 31, assim como da sociedade

---

<sup>2</sup> LGBTQIAPN+ é o se tornou um acrônimo para lésbicas, gays, bissexuais, transgêneros e queer, com um sinal “+” para reconhecer as orientações sexuais ilimitadas e identidades de gênero usadas pelos membros dessa comunidade.

atual. Essas líderes religiosas desempenham um papel fundamental na perpetuação do discurso patriarcal, ao reforçar estereótipos de gênero, criticar os movimentos progressistas e defender uma visão tradicional e conservadora do que acreditam ser mulher e o papel que esta deve ocupar na família, na sociedade, na igreja, perante os homens e, acima de tudo, perante Deus. Como mencionado, foram encontrados 29 temas centrais nos discursos dessas mulheres, que foram apresentados de maneira dissertativa anteriormente e podem ser analisados com a incidência de cada um na tabela abaixo.

*Tabela 1: Os Padrões Discursivos do Pastorado Feminino e Sua Incidência nos Vídeos Analisados.*

Tema	Incidência
O papel da mulher (de submissão) foi criado por Deus não se pode negá-lo, todavia o feminismo nega esse papel e quer que as mulheres ocupem um lugar que não foi destinado a elas.	14
Deus criou homem e mulher com papéis e propósitos diferentes, mas iguais perante Ele.	13
O movimento feminista quer acabar com a família.	10
O feminismo é um movimento abortista que mata crianças inocentes.	9
O feminismo vê a maternidade como opressora, quando na realidade é uma benção, um presente de Deus para as mulheres.	8
Menções à ideologia de gênero e uso de argumentos homofóbicos.	8
Menção à Provérbios 31 - da mulher virtuosa.	7
Feminismo e cristianismo são opostos e por conta disso não existe feminista cristã.	7
O feminismo deturpa a verdade bíblica e quer acabar com a igreja.	7
A pregação sobre feminismo é uma verdade que precisa ser passada para que as fiéis não sejam enganadas pelas ideologias mundanas.	7
É impossível que homens e mulheres sejam iguais por conta da biologia.	6
Feminismo é uma grande mentira.	6
Críticas ao conceito de gênero e mulher como construções sociais.	6
Uso de argumentos transfóbicos para falar que Deus criou o homem e a mulher como seres diferentes e nada além disso.	6
O feminismo nunca foi sobre as mulheres, é um movimento ideológico que manipula as mulheres.	5
Deus é quem realmente empodera as mulheres e Jesus foi aquele que mais as ajudou.	5
Feminismo é o oposto de feminilidade, pois isso é preciso ser feminina e não feminista.	5
O feminismo começou bem, mas se perdeu com o passar do tempo.	5
É preciso falar do feminismo dentro da igreja pois ele tem entrado nas casas e arrebatado as meninas jovens e é papel da comunidade cristã protegê-las.	5

Menções à Karl Marx ou ao Marxismo como precursores do movimento.	5
O feminismo é do diabo e seus princípios vieram do inferno.	5
Menções às autoras feminista, como Simone de Beauvoir, Beth Freeman, Judith Butler entre outras.	5
A mulher foi criada para ser companheira do homem.	4
O movimento feminista é vitimista e coloca as mulheres como as únicas injustiçadas do mundo, mas é uma grande mentira que mulheres são oprimidas.	3
Feminismo é uma religião do mal.	2
O feminismo não é bom desde o início, o movimento começou ruim e só piorou com o passar do tempo.	2
Menções à linguagem neutra.	2
O Feminismo começou no Jardim do Éden e Eva foi a primeira feminista.	2
A submissão da mulher é mais difícil para o homem que tem que carregar o fardo.	2

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer do presente trabalho, a perpetuação do discurso patriarcal pelo pastorado feminino revelou-se como uma prática complexa, enraizada em interpretações bíblicas e sociais que reforçam estereótipos de gênero e limitam drasticamente o papel da mulher, principalmente das cristãs, no ambiente religioso, mas também na sociedade como um todo. Ao analisar os padrões discursivos das pastoras, fica evidente a resistência que há no meio eclesiástico ao movimento feminista e a ideias progressistas em relação ao que é ser mulher na sociedade atual. Críticas não são poupadas em relação aos ideais libertários, enquanto a submissão feminina é exaltada e figuras, como a da “mulher virtuosa” descrita em Provérbios 31, são exaltadas para direcionar o caminho que deve ser seguido sem questionamento pelas fiéis, afinal foi um presente dado por Deus.

A ênfase na exaltação das virtudes femininas tradicionais descritas nas escrituras divinas, como a dedicação ao lar, o cuidado com a casa e os filhos, a submissão ao marido e a vida pautada nos desígnios de Deus demonstra como o pastorado feminino utiliza as passagens bíblicas para justificar e perpetuar a lógica patriarcal e crucificar movimentos que

questionam tais práticas. Todas as pastoras analisadas, em algum momento, apresentaram o movimento feminista como uma ameaça aos valores cristãos, associando o mesmo a outras “ideologias” que as igrejas pentecostais rejeitam e por supostamente tentar minar a ordem estabelecida por Deus. A crítica ao movimento é fundamentada em argumentos que negam a possibilidade de conciliação entre a fé cristã e as pautas progressistas, retratando o feminismo como uma ideologia incompatível com a vontade divina.

Além disso, corriqueiramente são atribuídas ao feminismo responsabilidades anticristãs, como é o caso da suposta destruição da família, da maternidade, da feminilidade e de tantas outras coisas que acreditam ser bênçãos de Deus para as mulheres, buscando sempre reforçar a visão conservadora de que o verdadeiro empoderamento feminino só é encontrado em Deus e na igreja. A associação do feminismo às figuras bíblicas negativas, como Eva e Jezabel, reforça a narrativa de que o movimento é uma criação maligna destinada a desviar as mulheres do caminho da verdade cristã. A menção a essas mulheres é extremamente estratégica, afinal nenhuma fiel quer ser vista como a Eva ou Jezabel dos tempos modernos. São nomes utilizados para gerar medo e fazer com que as mulheres cristãs acreditem que a verdadeira fonte de empoderamento feminino está em Deus e que os movimentos seculares só querem promover o distanciamento da verdade divina e o conflito dentro da igreja.

No entanto, todos esses argumentos e justificativas contrários ao movimento feminista teriam muito menos valor se fossem dissipados por pastores homens, isso porque a identificação é uma chave importantíssima para a manutenção da lógica patriarcal. As pastoras, ao subirem no altar e falarem sobre tais temas, não estão simplesmente citando regras para as mulheres fiéis, elas estão representando essas regras aplicadas a si mesmas. Elas são exemplos vivos do papel divino dado por Deus às mulheres, e o fato de elas estarem no lugar de destaque da igreja faz com que sejam vistas como exemplos a serem seguidos. A maioria das pregadoras analisadas são casadas com pastores da mesma congregação, possuem filhos presentes no ambiente religioso e são devotadas às suas famílias, ao mesmo tempo que seguem o chamado divino de passar a palavra de Deus para mais mulheres. Em um dos cultos, uma das pastoras afirma que, corriqueiramente, lhe perguntam se o seu marido aceita o fato de ela ser mais “famosa” que ele, e ela responde que só tem esse papel de destaque porque o marido a deixa ter.

Com isso, a pesquisa revela um conflito intrínseco às mulheres pastoras, em que, ao mesmo tempo em que elas ocupam um lugar de destaque, tal lugar é utilizado justamente para pregar a submissão feminina e vangloriar o suposto papel divino dado às mulheres. Essas pastoras estão ali expostas para tentar provar para as demais mulheres o seu argumento de que o verdadeiro empoderamento está em Cristo e na igreja. E fazem isso com excelência, exibindo seu bom casamento, seus filhos educados e sua posição de destaque dentro do ambiente religioso. Essa representatividade faz com que as demais mulheres queiram ser como aquelas que estão pregando no altar, passando a segui-las de olhos fechados, sem poder questionar nenhuma das regras religiosas, em uma busca constante de ser uma “mulher virtuosa”.

Ademais, essa posição ocupada pelas mulheres pastoras, além de auxiliar na manutenção das hierarquias de gênero, tem uma grande e direta influência na percepção das mulheres cristãs em relação ao feminismo e outros movimentos progressistas. Isto porque os fiéis têm contato com esses temas sempre pela leitura conservadora das pastoras, sem haver uma pesquisa imparcial sobre o tema ou conversar com estudiosos da área. Por outro lado, o contato com esses movimentos é sempre carregado de falácias tendenciosas e discursos de ódio, que visam trazer medo aos fiéis, citando o nome do Diabo e forças malignas como condutores desses movimentos.

Entretanto, a crítica e negação ao movimento feminista dentro das igrejas, mesmo que bem presente em uma grande maioria de congregações e fiéis, não é absoluta. Grupos formados por mulheres começaram a se organizar para discutir um feminismo cristão. Segundo a antropóloga Simony dos Anjos, em entrevista para a jornalista Natália Souza, da revista feminista *AZMina*, foi principalmente em 2018, com a eleição de Jair Bolsonaro, que esse movimento ganhou mais força, iniciando uma explosão de manifestações em resposta ao fundamentalismo religioso. Um desses movimentos é a Rede de Mulheres Negras Evangélicas, da qual a antropóloga faz parte e que se articula para formar líderes religiosos capazes de levar o feminismo para dentro dos seus territórios sem deturpações acerca do mesmo, mas também entendendo a realidade dessas mulheres e respeitando a fé de cada uma delas.

Na mesma entrevista, a pesquisadora do Instituto de Estudos da Religião (ISER), Magali Cunha, afirma que há uma produção de desinformação em andamento com o foco principal nas mulheres evangélicas, trazendo notícias falsas que “tendem a se concentrar em

ideologia de gênero nas escolas, erotização de crianças e perseguição religiosa A cristãos”. Segundo a pesquisadora, conforme um estudo feito em 2021 na UFRJ, para 13,2% dos evangélicos, os pastores e irmãos da igreja representam a fonte mais confiável de notícias. E se isso é válido para notícias que têm sua veracidade facilmente checada na internet, para outros temas, como as leituras bíblicas vistas nos vídeos analisados, o problema é um pouco mais profundo.

A historiadora Agnes Alencar, outra entrevistada, se autodenomina como uma feminista cristã, e afirma que este grupo precisa passar a ser visto como parte importante da luta das mulheres e do movimento feminista. Nas palavras da pesquisadora, “Ela (a evangélica feminista) pode nunca ter lido Simone de Beauvoir e, ainda assim, entender que seu marido não tem direito de bater nela, que o corpo é dela. Os grupos são heterogêneos, havendo uma parte letrada nas lutas feministas e outra grande parte conhecendo o movimento feminista agora. Por isso reafirma a necessidade de fazer uma leitura dos textos bíblicos a partir de uma perspectiva feminista e compartilhar essas interpretações com mais mulheres, para se contrapor à leitura já conhecida feita pelos pastores conservadores.

A partir dos vídeos analisados no presente trabalho, foi possível ver essa leitura enviesada da Bíblia sendo compartilhada por todas as pastoras em suas pregações. Mas não é justo generalizar um grupo tão diverso. Algumas pastoras progressistas já estão trabalhando em prol de quebrar a crença de que “Não existe feminista cristã”, apresentando a teologia feminista em suas palavras. A sergipana e doutora em teologia pela Escola Superior de Teologia (EST-RS), Odja de Barros, é um desses exemplos, que há trinta anos estuda a importância e o impacto do protagonismo feminino no contexto religioso. Atualmente, ela é pastora na Igreja Batista do Pinheiro e conseguiu levar a temática feminista para o púlpito de maneira bastante estratégica.

Além de criar um grupo de “fiéis” da sua igreja para estudar os textos bíblicos a partir da perspectiva das mulheres, coisa que elas nem imaginavam ser possível antes, e compartilhar esses estudos com o resto da comunidade através de uma revista, escrita pelas próprias fiéis participantes do grupo. Nos seus discursos, dentro da sua comunidade, Odja não exclui as pautas progressistas, como os direitos reprodutivos e sexuais. Mas quando tenta levar esses tópicos para outras denominações, enfrenta diversas barreiras, que, segundo ela,

existem principalmente porque esses temas afetam diretamente o lugar privilegiado de certos grupos sociais.

Em conclusão, pode-se dizer que a presente pesquisa cumpriu o objetivo principal da realização de um razoável estudo acerca da perpetuação de discursos sexistas sobre mulheres que ocupam a posição de pastoras nas igrejas pentecostais, tomando como foco a atuação delas em ambientes virtuais. A intenção era identificar de que maneira o pastorado feminino pode tanto desafiar quanto reforçar a estrutura patriarcal vigente, uma vez que assumem papéis de influência no contexto religioso, ao mesmo tempo em que reproduzem narrativas sexistas em suas pregações. Os vídeos analisados evidenciaram essa dualidade existente nas figuras das mulheres pastoras, que por estarem em um lugar de destaque, conseguem fazer uma manutenção da lógica patriarcal de maneira muito mais assertiva e efetiva, por justamente serem exemplos vivos das “mulheres virtuosas” para as outras confradeiras das igrejas.

Mas tal estratégia não fica imune às críticas sociais acerca do papel das mulheres, mesmo que tentem se manter atrás da máscara de empoderadas por Deus e ocupam posições de poder nas comunidades evangélicas. Tampouco conseguem impedir que mulheres cristãs comecem a questionar suas posições supostamente dadas por Deus e pesquisar por outras crenças e realidades que a façam ocupar de fato o lugar que querem. Isto porque, contrariamente ao título deste trabalho, há efetivamente feministas cristãs.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

### 5.1. TEXTOS

BEAUD, Stéphane; WEBER, Florence. **Guia para a pesquisa de campo: produzir e analisar dados etnográficos**. Petrópolis: Vozes, 2007.

CORÍNTIOS. Bíblia Sagrada. **Bíblia JFA Online**. Disponível em <<https://bibliajfa.com.br/aa/1corintios/11#!/aa/1corintios/11>> Acesso em 11/07/2023.

DEIFELT, Wanda. **Mulheres Pregadoras: Uma Tradição da Igreja**. 2014.

FERRAZ, Cláudia Pereira. **A etnografia digital e os fundamentos da Antropologia para estudos em redes on-line**. Aurora: revista de arte, mídia e política, São Paulo, v.12, n.35 jun.-set. 2019., p. 46-69,

FLICK, Uwe. **Introdução à metodologia de pesquisa: um guia para iniciantes**. 5. ed. Porto Alegre: Penso, 2019.

FRESTON, Paul. **Protestantes e Política no Brasil: Da Constituinte ao Impeachment**. Universidade Federal de São Carlos - UFSCar, São Carlos, 1993.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2015.

MACHADO, Maria das Dores Campos. **O discurso cristão sobre a 'ideologia de gênero'**. Revista Estudos Feministas. v. 26, n. 2, 2018, pp. 447-463.

MARIANO, Ricardo. **Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil**. São Paulo, Loyola, 1999.

MIRANDA, Fernanda Honorato. **Religião e Mulher: Liderança Feminina no Pentecostalismo Evangélico**. Dissertação de mestrado em ciências sociais. Natal, UFRN, 2009.

NASON-CLARK, Nancy. Verbete: Feminist Theology. In: SWATOS Jr., William. (ed.) **Encyclopedia of Religion and Society**. London, Sage, 1998, p.186.

PRANDI, Reginaldo. **Catolicismo e família: transformação de uma ideologia**. São Paulo: Brasiliense e Cebrap, 1975.

ROHDEN, Fabíola. **Feminismo do sagrado: o dilema igualdade/diferença na perspectiva de teólogas católicas**. Dissertação de mestrado em antropologia social. Rio de Janeiro, UFRJ, 1995

ROLIM, Francisco Cartaxo. **Igrejas Pentecostais**. Revista Eclesiástica Brasileira. v. 42 n. 165, Rio de Janeiro, Brasil, 1982.

ROSADO, Maria. **O impacto do feminismo sobre o estudo das religiões**. Cadernos Pagu (16) 2001: pp.79-96.

SCAVONE, Lucila. **Religiões, Gênero e Feminismo**. Revista de Estudos da Religião. páginas 1-8. 2008.

SOUSA, Natália. Feministas evangélicas se organizam para combater o fundamentalismo religioso. 22 de agosto de 2022. Disponível em <<https://azmina.com.br/reportagens/feministas-evangelicas-se-organizam/>>. Acesso em 11/07/2023.

SOUZA, André Ricardo de Souza; ABUMANSUR, Edin Sued; LEITE JÚNIOR, Jorge. Percursos do Diabo e seus papéis nas igrejas neopentecostais. **Horizonte Antropológico**, v. 25, n. 53, 2019, p. 385-410.

TOMMASO, Wilma Steagall. **Maria Madalena: história, tradição e lendas**. São Paulo, Paulus, 2020.

VALLADA, Amanda et. al. Coletivo Ciborga. **Etnografia Digital: um guia para iniciantes nos estudos da linguagem em ambientes digitais**. Cegraf UFG, 2022.

## 5.2. VÍDEOS

BARROS, Camila. Canal No Alvo. “**CAMILA BARROS, HOMEM QUE ARRUMA A CASA COMPLETO, macho alfa, HOMEM BANANA, homem que faz tudo**”. 2 de dez. de 2021. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=U8hwToHBzjs>>. Acesso em 18 de Outubro de 2023.

BORJA, Flávia. Canal IPA Belém Oficial. “**#05 - HONRA AOS MARIDOS | Seminário da Família | Pr. Fernando Borja | 20.11.2021**”. Igreja Primeiro Amor - Belém do Pará.; 26 de nov. de 2021. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=r-1TtxTYXlo>>. Acesso em 13 de Outubro de 2023.

BORJA, Flávia. IPA Belém Oficial. “**#01- FEMINISMO: UMA MENTIRA | Seminário da Família | Pra. Flávia Borja | 19.11.2021**”. Igreja Primeiro Amor - Belém do Pará. 22 de nov. de 2021. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=mD3VCLYylCE>>. Acesso em 13 de Outubro de 2023.

CAMPAGNOLO, Ana. Canal Igreja AD Bela Vista São José. “**Feminismo sobre uma perspectiva cristã - Por @AnaCampagnolo1**”. 29 de ago. de 2022. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=wESCHbzA2RE>>. Acesso em 21 de Fevereiro de 2024.

CAMPAGNOLO, Ana. Canal Palavra Viva Church. “**Culto Online | Feminilidade X Feminismo (Ana Campagnolo) | Palavra Viva Church**”. 24 de mai. de 2022. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=cJ6c9NL25vs>>. Acesso em 21 de Fevereiro de 2024.

EDUARDO, Lidiane. Canal ADMC Sede. “**Feminismo - Lidiane Eduardo - Princesas do Senhor | ADMCSede**”. Assembleia de Deus Mensageiros de Cristo do Valparaíso de Goiás,

27 de mar. de 2023. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=UM9qtv6qHCI>>. Acesso em 12 de Outubro de 2023.

FERNANDES, Patricia. Canal Ministério Mulheres com Propósito. “**Emponderadas Por Deus // Patricia Fernandes**”. 5 de mar. de 2024. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=F7j8WtxtN6A>>. Acesso em 22 de Março de 2024.

HAYASHI, Jackeline. Canal Oitava Igreja Presbiteriana de Belo Horizonte “**Cristã feminista? | Jackeline Hayashi – CPL2021**”. 14 de out. de 2021. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=Ao9yiH8ly-g>>. Acesso em 23 de Março de 2024.

MUNGUBA, Isabelle. Canal Seven Church. “**SHE BELIEVES DAY - 19H30 | O MUNDO NÃO PRECISA DO FEMINISMO - Pra ISABELLE MUNGUBA**”. Seven Church, Rodolfo Teófilo. 21 de fev. de 2022. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=ZiSDPGe4f5U>>. Acesso em 15 de Outubro de 2023.

PEREIRA, Talitha. canal Talitha Pereira. “**MANUAL DA MULHER VIRTUOSA - TALITHA PEREIRA**”. 3 de dez. de 2022. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=9xS9IGYRns0>>. Acesso em 04 de Novembro de 2023.

PEREIRA, Talitha. Canal Thalita Pereira. “**A MULHER QUE DEUS QUER QUE EU SEJA | TALITHA PEREIRA**”. 4 de abr. de 2022. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=B0b2AoCe4uw>>. Acesso em 20 de Fevereiro de 2024.

TANNURE, Helena. Canal Helena Tannure. “**Aprendendo a Submissão - Helena Tannure (II Cong. de Mulheres DT)**”. 25 de ago. de 2012. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=lKEhBE1iqnw>>. Acesso em 02 de Dezembro de 2023.

TANNURE, Helena. Canal Helena Tannure. “**Helena Tannure - As Ondas do Feminismo**”. 18 de jul. de 2018. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=h-szNe70kdU>>. Acesso em 15 de Janeiro de 2024.

TANNURE, Helena. Canal Helena Tannure. “**Helena Tannure - O Papel da Mulher nos Dias Modernos - Família Debaixo da Graça 2015**”. 28 de abr. de 2018. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=tfvaiEFWc5U>>. Acesso em 27 de Outubro de 2023.

TANNURE, Helena. Canal Helena Tannure. “**Helena Tannure - O resgate da mulher e da feminilidade feito por Jesus!**”. 24 de abr. de 2018. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=agKajue4SZE>>. Acesso em 10 de Novembro de 2023.